

POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL (III.^o E COMEÇOS DO II.^o MILÉNIO a.C): RESULTADOS E PROBLEMAS DAS ESCAVAÇÕES DOS ÚLTIMOS ANOS

Por Susana Oliveira Jorge *

1. No Norte de Portugal (ou seja, entre a fronteira setentrional do país e as margens do Douro, limites convencionais da zona de estudo aqui considerada) conhecem-se vários habitats pré-históricos onde, tradicionalmente, vinham sendo recolhidas cerâmicas abundantemente decoradas, apresentando formas e estilos que lhes conferem uma certa homogeneidade. Estes habitats encontram-se dispersos por todo o território, desde o litoral até ao interior, embora as estações mais conhecidas (e, provavelmente, mais ricas) se situem na zona da Serra da Penha (Guimarães, Minho) e nos arredores e para sul da cidade de Chaves (Alto Trás-os-Montes).

Foi nesta última região que as nossas pesquisas se concentraram, desde 1980. São aqui conhecidos 8 habitats deste grupo, sete dos quais implantados em encostas voltadas a vales de dois rios importantes: o Tâmega e o Corgo; um último acha-se sobre uma colina a apenas 20 m. de diferença de cota em relação à planície aluvial do Tâmega (fig. 1).

2. Entre 1980 e 1984 realizámos escavações em quatro dos referidos habitats: *Vinha da Soutilha* (Mairos), *Pastoria*, *S. Lourenço* (todos na área de Chaves) e *Castelo de Aguiar* (Vila Pouca de Aguiar) (fig. 2). Os quatro pertencem ao tipo de habitats de altura, situando-se entre c. de 550 m. e 880 m. de altitude absoluta. Comparando a altitude das quatro estações relativamente aos vales dos rios importantes que lhes ficam próximos, constatamos que se podem escalonar, por ordem decrescente, do seguinte modo: *S. Lourenço* (280 m.), *Vinha da Soutilha* (225 m.), *Pastoria* (180 m.) e *Castelo de Aguiar* (150 m.). Quanto à situação topográfica e dimensão provável dos povoados, podemos dizer que a *Vinha da Soutilha* se destaca dos outros três, pois abarca

* Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Porto.



Fig. 1 — Localização na Península Ibérica e no Norte de Portugal (tracejado) do conjunto de estações estudadas no vale do Tâmega (círculo maior) e do Corgo (círculo menor).

diversas plataformas, numa extensa área que deve ultrapassar os 20 ha. Os restantes povoados apresentam dimensões menores (entre 2,5 e 7 ha.) e ocupam plataformas em esporão com boas condições de vigilância e de defesa.

As escavações apenas incidiram em áreas muito restritas, pelo que não possuímos informações sobre a organização do espaço habitado no interior de cada povoado. Contudo, a partir das mesmas escavações podemos concluir que estamos em presença de estruturas frágeis, integradas em espaços domésticos: lareiras, fossas (detríticas?), buracos de poste, muretes (que podem ter servido para conter terras ou para reforçar paredes de cabanas), dispositivos circulares constituídos por pequenas pedras fincadas (estruturas de armazenamento?). Apenas num povoado (S. Lourenço) encontramos uma construção pétreia que pode ter funcionado como estrutura defensiva disposta em torno de um esporão. Pela análise das estruturas mencionadas e dos materiais associados,

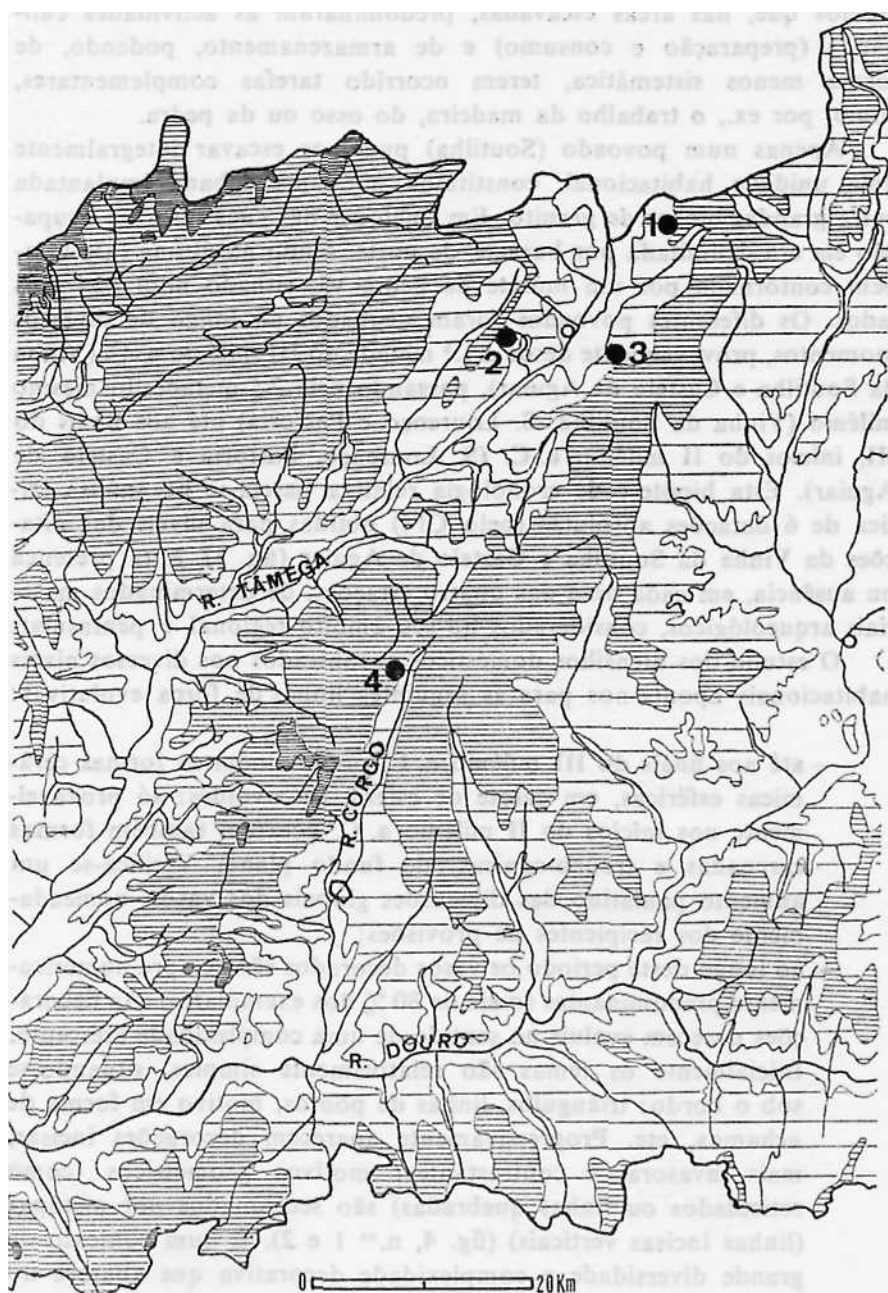


Fig. 2 —Estações estudadas: 1—Vinha da Soutilha (Mairos); 2 —Pastoria (Chaves);
3 — S. Lourenço (Chaves); 4 — Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar).

cremos que, nas áreas escavadas, predominaram as actividades culinárias (preparação e consumo) e de armazenamento, podendo, de forma menos sistemática, terem ocorrido tarefas complementares, como, por ex., o trabalho da madeira, do osso ou da pedra.

Apenas num povoado (Soutilha) pudemos escavar integralmente uma unidade habitacional, constituída por uma cabana implantada entre grandes blocos de granito. Em qualquer das suas fases de ocupação ela era delimitada por buracos de poste, sendo na última fase também contornada por um murete de pedra vã, situado num dos seus lados. Os diferentes povoados foram ocupados ao longo de diversos momentos, provavelmente desde a 1.^a metade do III milénio a. C. (Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar), passando pela 2.^a metade do mesmo milénio (Vinha da Soutilha, S. Lourenço e Pastoria) até aos finais do III, inícios do II milénio a. C. (S. Lourenço, Pastoria e Castelo de Aguiar). Esta hipótese de cronologia relativa baseia-se na análise crítica de 6 datações absolutas (pelo C14) obtidas para níveis das estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar (fig. 3), e na presença ou ausência, em cada uma das quatro estações, de determinados materiais arqueológicos, considerados no seu âmbito regional e peninsular.

O estudo dos utensílios domésticos encontrados nos diversos níveis habitacionais aponta-nos para as seguintes linhas de força evolutivas;

- até aos finais do III milénio a. C. predominam as formas cerâmicas esféricas, em calote de esfera, ou ovóides: só provavelmente nos inícios do II milénio a. C. ocorrem também formas carenadas e tronco-cónicas, de fundo plano. Verifica-se um aumento paulatino das dimensões globais dos vasos, nomeadamente dos recipientes de provisões;
- ao longo deste período os vasos decorados são sempre numericamente predominantes (mais de 80% dos exemplares). As decorações parecem evoluir no sentido de uma complexidade crescente. Inicialmente os temas são relativamente simples, situando-se sob o bordo: triângulos, linhas de pontos, motivo em forma de «chama», etc. Progressivamente aparecem decorações incisas, mais invasoras e contrastantes: motivos geométricos (como reticulados ou linhas quebradas) são seccionados por métopas (linhas incisas verticais) (fig. 4, n.ºs 1 e 2). É num contexto de grande diversidade e complexidade decorativa que aparece no povoado da Pastoria a cerâmica campaniforme (de tipo «marítimo» — variante linear). Durante esta fase (fins do III, inícios

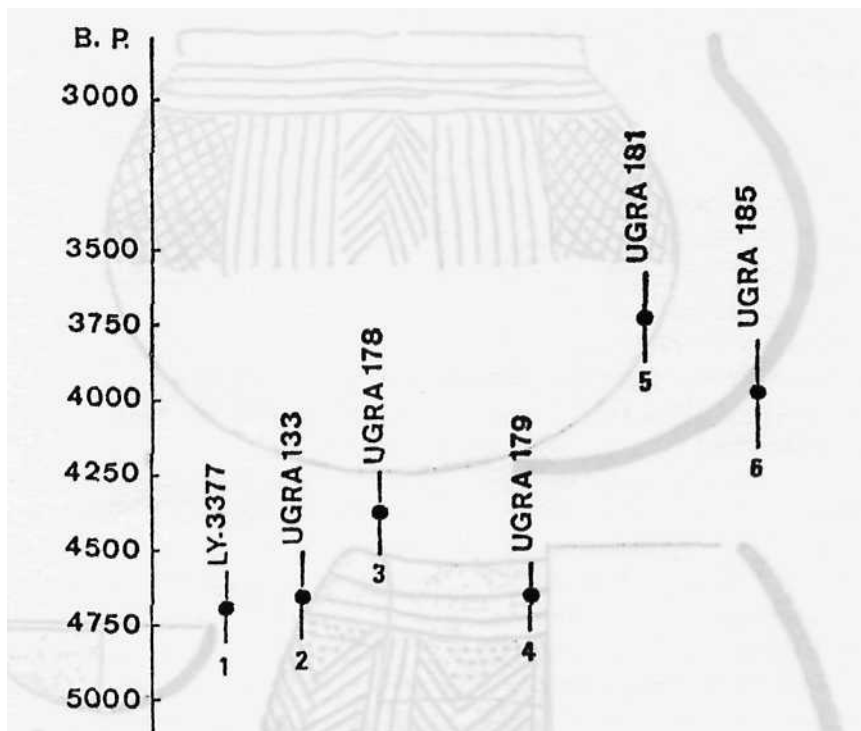


Fig. 3 — Datas de C14; I, 2, 3 (Vinha da Soutilha); 4, 5, 6 (Castelo de Aguiar).

do II milénio a. C.?), nesta estação, as cerâmicas doméstica parecem começar a imitar a organização decorativa do campaniforme marítimo — sequência aditiva — através da utilização de uma técnica decorativa local: a impressão «penteada». Em Castelo de Aguiar, durante uma fase pelo menos parcialmente contemporânea, a referida organização decorativa, menos contrastada do que a temática metopada, é mesmo predominante. Nesta estação estão ausentes as organizações decorativas que têm por base temas geométricos (reticulados, linhas quebradas), separados por linhas verticais (fig. 4, n.º 5).

Só a investigação futura poderá confirmar ou não se esta nova tendência para a simplificação decorativa se verifica a partir dos inícios do II milénio a. C. na região, e se as diferenças observadas entre as cerâmicas da Pastoria e de Castelo de Aguiar

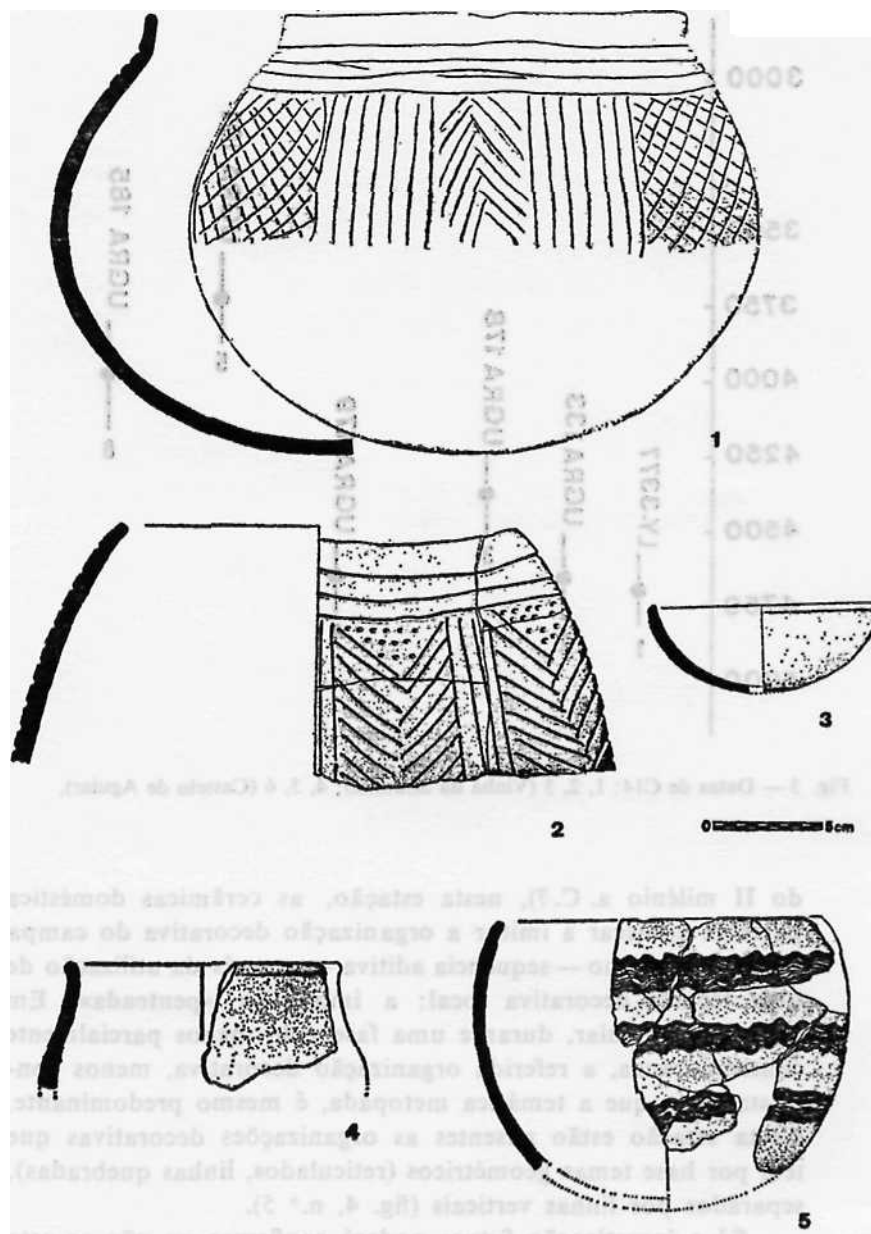


Fig. 4 — Recipientes cerâmicos: I, 2, 3 (Vinha da Soutilha); 4, 5 (Castelo de Aguiar).

se devem a desfasamentos cronológicos ou se resultam de uma eventual integração em áreas estilísticas diferentes; — a evolução dos restantes artefactos é muito menos marcada: as pontas de seta (em xisto, corneana, ou sílex), as raspadeiras carenadas frontais curtas, em quartzo, as lascas retocadas em xisto, os machados polidos (em rochas metamórficas) e os moinhos manuais em granito, constituem o equipamento lítico básico destes povoados, em qualquer das fases da sua evolução (fig. 5). Também podem ocorrer, em níveis mais recentes, lâminas prismáticas retocadas em sílex, pesos de tear em cerâmica com quatro perfurações, utensílios ou armas em cobre arsenical, contas de colar em variscite ou talco, e objectos de osso.

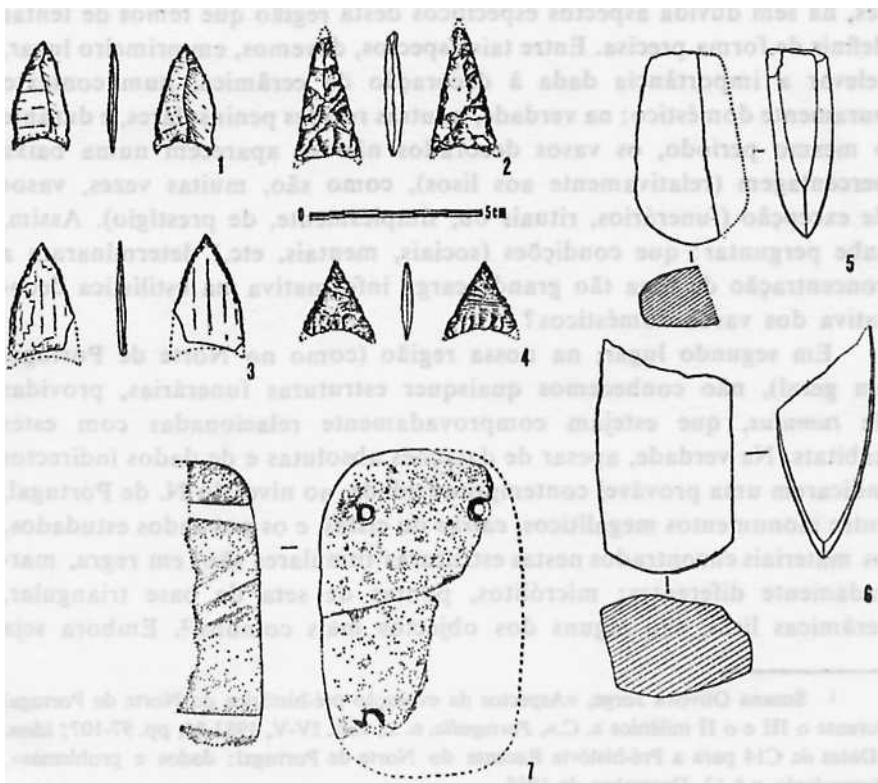


Fig. 5 — Outros artefactos: pontas de seta (1-4) e machados polidos (5, 6) da Vinha da Soutilha; provável peso de tear em cerâmica (7) de Castelo de Aguiar.

A análise comparada da tipologia dos artefactos destes povoados à escala peninsular demonstra-nos que existem marcadas semelhanças formais entre os materiais das nossas estações e os de vários contextos meridionais, nomeadamente relativos a habitais e sepulcros do Neolítico Final — Calcolítico do Sudeste, do Sudoeste, e da Estremadura portuguesa¹. Particularmente a decoração da cerâmica integra-se numa grande «família» de decorações de filiação cultural mediterrânica. No povoado de S. Lourenço, por ex., num nível habitacional que se deve situar entre os finais do III e os inícios do II milénios a. C, encontramos um pequeno vaso hemisférico com a clássica decoração «oculada»: olhos, sobancelhas, e «tatuagem facial», enquadrados por triângulos preenchidos por puncionamentos.

No entanto, apesar da mencionada semelhança formal entre o equipamento doméstico destes habitais e os de outros contextos peninsulares, há sem dúvida aspectos específicos desta região que temos de tentar definir de forma precisa. Entre tais aspectos, devemos, em primeiro lugar, relevar a importância dada à decoração da cerâmica, num contexto puramente doméstico; na verdade, noutras regiões peninsulares, e durante o mesmo período, os vasos decorados não só aparecem numa baixa percentagem (relativamente aos lisos), como são, muitas vezes, vasos de excepção (funerários, rituais ou, simplesmente, de prestígio). Assim, cabe perguntar: que condições (sociais, mentais, etc.) determinaram a concentração de uma tão grande carga informativa na estilística decorativa dos vasos domésticos?

Em segundo lugar, na nossa região (como no Norte de Portugal em geral), não conhecemos quaisquer estruturas funerárias, providas de *tumulus*, que estejam comprovadamente relacionadas com estes habitats. Na verdade, apesar de datações absolutas e de dados indirectos indicarem uma provável contemporaneidade, ao nível do N. de Portugal, entre monumentos megalíticos, *cairns* ou cistas, e os povoados estudados, os materiais encontrados nestas estruturas tumulares são, em regra, marcadamente diferentes: micrólitos, pontas de seta de base triangular, cerâmicas lisas, sió alguns dos objectos mais comuns². Embora seja

¹ Susana Oliveira Jorge, «Aspectos da evolução pre-histórica do Norte de Portugal durante o III e o II milénios a. C.», *Portugalia*, n. s., vols. IV-V, 1983-84, pp. 97-107; *idem*, «Datas de C14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: dados e problemas», *Arqueologia*, n.º 12, Dezembro de 1985.

² Vítor Oliveira Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito da Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Faculdade de Letras, 1982 (diss. doutoramento — 2 vols., polic).

possível admitir, em princípio, que nos encontramos perante um caso de «especialização» do material funerário, também não será de ignorar a possibilidade de uma autêntica dualidade cultural. Ou seja, face a populações que valorizariam sobretudo o espaço sepulcral (ainda que revelando oferendas funerárias pobres) coexistiriam populações que relevariam o espaço doméstico (povoados sedentários com um rico e diversificado material, no qual sobressairia a cerâmica decorada). Nesta valorização aparentemente exclusiva do espaço doméstico (os túmulos correspondentes poder-se-iam situar nas proximidades ou até eventualmente no interior dos povoados, não ocupando um lugar importante) encontra-se a segunda especificidade deste contexto face aos outros contextos peninsulares globalmente contemporâneos³.

3. Sumariemos, para terminar, algumas das questões que gostaríamos de ver resolvidas:

- há que confirmar a evolução cronológica e cultural proposta, estendendo o estudo iniciado aos restantes povoados da área escolhida. Temos sobretudo que tentar compreender, ao nível local, a evolução do modelo da ocupação do espaço, das estratégias de povoamento, e da interacção social que terá determinado a especificidade deste contexto habitacional;
- há que iniciar projectos de análise espacial semelhantes nas restantes regiões do Norte de Portugal onde existem povoados deste tipo, de forma a definir áreas estilísticas e/ou grupos culturais num quadro cronológico coerente.

Na verdade, a análise preliminar de diversos tipos de habitats conhecidos e das decorações cerâmicas, muito variadas, que eles contêm, leva-nos a supor a existência de um apreciável regionalismo neste contexto de habitats com cerâmicas decoradas do Norte do país, ao longo

³ A. Arribas e F. Molina, «Estado actual de la investigación del megalitismo en la Península Ibérica», *Francisco Jordà Oblata*, Salamanca, 1984, Acta Salmanticensis (Scripta Praehistorica), 156, pp. 63-112; R. W. Chapman, «The evidence for prehistoric water control in South-East Spain», *Journal of Arid Environments*, 1, 1978, pp. 261-274; *idem*, «Archaeological theory and communal burial in prehistoric Europe», *Pattern of the Past: studies in honour of David Clarke*, Cambridge University Press, 1981, pp. 387-411; A. Gilman, «Bronze Age dynamics in South-East Spain», *Dialectical Anthropology*, 1, 1976, pp. 307-319; A. Gilman e J. B. Thornes, *Land Use and Prehistory in South-East Spain*, Londres, George Allen & Unwin, 1985.

do III milénio a. C. Regionalismo que, a partir dos inícios do II milénio, se deve ter acentuado, se considerarmos a diversidade dos contextos arqueológicos detectados: vários tipos de sepulturas (monumentos com ou sem *tumulus*, grutas), diversos contextos habitacionais com materiais que apontam para diferentes tradições culturais e, finalmente, diferentes artefactos isolados que reflectem a intersecção de múltiplas influências.